

# Antes que um PC nos separe

O que a Espanha faz para que escolas e professores entrem na era digital de seus alunos

POR RICARDO PRADO, DE MADRI\*

“**N**OSSA educação é feita em escolas do século XIX, com professores do século XX e alunos do século XXI.” Esta frase tornou-se uma espécie de mantra repetido durante os três dias do V Congresso Internacional Educarde, que reuniu cerca de 2 mil professores na capital da Espanha, em novembro de 2009. A frase pareceu perfeita para mostrar o desafio que seria debater o uso educacional das tecnologias da informação e comunicação (abreviadas pelo versátil acrônimo TIC); mas também porque, nesses encontros sobre tecnologia na escola, fica cada vez mais patente a incômoda inversão de papéis entre mestres e alunos. A maioria dos professores, na Espanha, no Brasil e pelo mundo afora, ainda persegue as habilidades e competências proporcionadas e/ou exigidas pelas TIC que seus alunos já manejam antes mesmo de ingressar na escola. E esses continuam a explorar a fronteira dos recursos de computadores e redes virtuais, sempre alguns passos adiante de seus mestres.

**Mas já existem** algumas ilhas de excelência, nas quais escola, professores e alunos parecem coabitar o mesmo século. *CartaCapital* foi conhecer uma delas, o Colégio Montserrat I, em Madri, mantido pela Fundación Hogar del Empleado, uma instituição sem fins lucrativos criada com o objetivo de oferecer educação de qualidade para populações pobres, quase sempre formadas por filhos de imigrantes. Graças ao seu estatuto de *escuela concertada*, a Montserrat I, mesmo sendo privada, recebe recursos públicos, o que permite que 100% de seus 960 alunos sejam bolsistas. Também recebe ajuda da Fundação Telefô-



ca, que há quatro anos investe no aparelhamento tecnológico e na aprendizagem desses recursos pelos professores.

Todas as salas de aula da escola possuem lousa digital. Já o uso de laptops é compartilhado a cada grupo de quatro ou cinco alunos. Segundo o diretor, Carlos Díaz, foi uma escolha do corpo docente da escola não ter um laptop por aluno. "Dessa forma, acreditamos que podemos incentivar o trabalho em equipe desde cedo", explica, antes de abrir a porta da sala onde o professor de matemática, Garcia Villás, acaba de esperar seu pen drive na lousa digital, iniciando mais uma aula com sua turma de 6ª série.



Procurando abstrair a presença dos jornalistas, incluindo uma equipe de televisão do noticiário peruano *Cuarto Poder*, Garcia exhibe, primeiro, algumas imagens que extraiu da internet para ilustrar o tema do dia: os conceitos de máximo divisor comum e mínimo denominador comum. O professor possui uma versão inteiramente digitalizada do livro didático que repousa nas carteiras de cada aluno e com desenvoltura vai abrindo as páginas referentes aos exercícios que a turma fez em casa.

A sala encontra-se inteiramente dividida em blocos de quatro carteiras agrupadas, e a maioria das atividades é



**Escola 2.0.** *Gozando seu privilégio de escuela concertada, que permite receber recursos públicos, a Montserrat I, dirigida por Carlos Díaz (abaixo), tem um corpo docente que consegue fazer uso corriqueiro dos recursos tecnológicos. Ao lado, Garcia Villás, professor de matemática, um dos que já nem se lembram mais de quando precisava se sujar de giz.*



do com que estimula seus alunos em busca da resposta correta. O que o professor Ramiro já faz, criar seu próprio repertório de materiais didáticos, o Ministério da Educação da Espanha pretende que outros docentes também façam. Amparado por pesquisas que revelam que apenas um terço dos professores espanhóis faz uso semanal das TIC em sala de aula, o ministério criou o ambicioso Programa Escuela 2.0, que, apenas para o biênio 2009-2010, já conta com um orçamento de 200 milhões de euros (aproximadamente, 523 milhões de reais) para desembarcar escolas e professores no ambiente virtual já vivido por seus alunos. Além de investir na infraestrutura tecnológica, visando transformar todas as escolas espanholas em salas de aprendizagem virtuais, com acesso à banda larga e laptops para alunos e professores, o programa vem investindo na criação de materiais didáticos intercambiáveis, cujos módulos podem ser realocados e modificados à vontade pelos professores, de acordo com o perfil de seus alunos e as necessidades de seus projetos. Formatos em softwares livres, pretende-se que esses materiais possam ser melhorados progressivamente por professores cada vez mais integrados à interativa escola do século XXI. Claro, desde que a conexão não caia. •

desenvolvida em grupo. Garcia chama alguns alunos à lousa digital, que pode ser rabiscada à vontade com uma caneta especial em sua tela branca. Ao lado, quase inútil, a velha lousa verde permanece vazia, como uma lembrança da época em que se ensinava com a dupla "saliva e giz".

**Em outra sala visitada** pela reportagem, pertencente às turmas de educação infantil, apenas quatro alunos aprendem outros conceitos de matemática, bem mais básicos. Coisas tão elementares como contar o número de patinhos em um lado da lousa digital e escrever o numerai cor-

respondente no outro lado, mas que parecem extremamente difíceis para duas das crianças. São meninos autistas, com dificuldade de concentração e aprendizagem, e se encontram em suas aulas de reforço, quando recebem uma atenção especial do professor Ramiro Gómez, formado em Pedagogia Terapêutica. Há, também, cuidados da direção em relação às crianças com alguma necessidade especial: é proibido fotografá-las.

Nessa segunda sala de aula, o uso das TIC encontra-se em uma etapa ainda mais evoluída: foi o próprio Ramiro quem desenvolveu o software ilustrado e diverti-